



## O CONTO “POLLICE VERSO”: A FIGURA DO MÉDICO NA ESCRITA DE MONTEIRO LOBATO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Márcia Maria de Medeiros\*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

[medeirosmarciamaria@gmail.com](mailto:medeirosmarciamaria@gmail.com)

Tânia Regina Zimmermann\*\*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

[zimmermantania@hotmail.com](mailto:zimmermantania@hotmail.com)

Ana Paula Veiga de Souza (*in memorian*) \*\*\*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

**RESUMO:** Este artigo, baseado em uma pesquisa de caráter bibliográfico, faz uma análise do discurso biomédico que aparece no conto “Pollice Verso” de autoria de Monteiro Lobato, parte integrante do livro *Urupês* publicado em 1918. Esta análise se pauta na perspectiva de Michel Foucault (1999). Existe uma lógica em relação ao discurso biomédico apresentado no conto inserido no pensamento de Foucault, segundo o qual o discurso faz parte de um tecido histórico construído culturalmente, conectando os sujeitos para encadear seus pensamentos sem promover necessariamente algum tipo de ruptura tangente a eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso biomédico; Michel Foucault; Literatura; Análise do discurso.

## THE SHORT STORY “POLLICE VERSO”: THE PHYSICIAN'S FIGURE IN THE WRITING OF MONTEIRO LOBATO IN THE EARLY 20TH CENTURY

---

\* Professora do curso de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Dourados – MS). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.

\*\* Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Amambai – MS). Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\*\* Discente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Dourados – MS), *in memorian*.

**ABSTRACT:** This article, based on a bibliographic research, analyzes the biomedical discourse that appears in the short story “Pollice Verso” by Monteiro Lobato, part of the *Urupês* book published in 1918. This analysis is based on the perspective of Michel Foucault (1999). There is a logic in relation to the biomedical discourse presented in the short story inserted in Foucault's thought, according to which the discourse is part of a culturally constructed historical fabric, connecting the subjects to link their thoughts without necessarily promoting any kind of rupture tangent to them.

**KEYWORDS:** Biomedical Discourse; Michel Foucault; Literature; Speech analysis.

Escrito por Monteiro Lobato em 1916, “Pollice Verso” viria a público apenas em 1918, fazendo parte integrante da coletânea *Urupês*, composta por outros 14 contos. Neste texto, Lobato tece uma crítica ao discurso biomédico através da narração da história do filho mais novo do coronel Inácio da Gama, um latifundiário do interior, morador da cidade de Itaoca. Vale salientar que Itaoca não é uma cidade fictícia. Ela é um município brasileiro situado no interior de São Paulo, com população estimada, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 3328 pessoas (IBGE, 2010, p. 01).

Caçula de 16 filhos, na opinião paterna, desde cedo o menino apresentara a vocação para a medicina: “Descobri a vocação de Nico – disse o arguto sujeito à mulher. – Dá um ótimo esculápio. Inda agorinha o vi lá fora dissecando um sanhaço vivo” (LOBATO, 2014, p. 98). O discurso do pai traz em si dois elementos importantes. O primeiro deles aponta para a prerrogativa contida na palavra “esculápio”.

Scliar informa que a medicina grega, uma referência histórica fundamental para entender o discurso biomédico ocidental, cultuava uma divindade denominada “(...) Asclepius, ou Aesculapius (que é mencionado como figura histórica na *Ilíada*), [além de] duas outras deusas, Higiéia, a Saúde, e Panacea, a Cura” (SCLIAR, 2007, p. 31).

Quando o coronel anuncia a vocação do filho ele diz que o menino será um ótimo esculápio, ou seja, ele faz referência a uma tradição de pensamento em relação ao discurso sobre a medicina e sobre o que advém desta prática, como as relações entre saúde e doença, a qual tem sua origem no mundo clássico greco-latino, sendo, portanto, dotada em si de grande autoridade, o que a torna praticamente inquestionável.

O segundo ponto singular remete ao fato de que o sanhaço estava sendo dissecado vivo. De acordo com o Dicionário Médico a dissecação consiste no ato de dissecar, ou seja, separar em partes um corpo ou órgão (DICIONÁRIO MÉDICO, 2017, p. 01). Quando esta ação é realizada tendo como objeto um cadáver ou parte deste, ela

infere a execução de práticas de anatomia. Quando esta ação é realizada no sentido de dissecar uma artéria ou um tumor, ela infere o ato cirúrgico, portanto o corpo *in vivo*.

Assim, o jovem Nico não estava realizando um ato de dissecação uma vez que não estava praticando uma cirurgia e que o pássaro estava vivo quando da sua ação. A esposa do coronel não entendeu exatamente o que se passava, “(...) a avaliar pelo ar emparvecido que deu à cara” (LOBATO, 2014, p. 98), tanto que precisou que o marido lhe explicasse o sentido do processo:

- Dissecando – explicou superiormente o marido – quer dizer destripando.
- E deixou você que ele cometesse semelhante malvadeza? – exclamou a excelente senhora, compadecida.
- Lá vens com a pieguice!... Deixá-lo brincar, que é da idade, eu pequeno fazia piores e nem por isso virei nenhum ogre (LOBATO, 2014, p. 99).

É possível perceber através da citação que o coronel tem referências diferentes no sentido de entender o ato da dissecação. Para ele “destripar” e “dissecar” tem o mesmo sentido, logo a ação que o filho estava realizando prenunciava um futuro médico em ação, inclusive no sentido de que, ao fazer isso, o menino já se ia familiarizando com a prática da anatomia. Esta posição, porém, não foi compartilhada pela mãe:

- A anatomia está ali! – rematou a encolerizada senhora apontando uma vara de marmelo oculta atrás da porta. – Eu que saiba que o senhor me anda com judiarias aos pobres animaizinhos, que te dissecou o lombo com aquela anatomia, ouviu, seu carniceiro? (LOBATO, 2014, p. 99).

A fala da mãe traz em si um discurso que denota uma ideia maior em relação ao cuidado e a prática da assistência médica. Isso porque faz referência a não fazer sofrer desnecessariamente quando diz que, caso saiba que o menino está a fazer “judiarias” com os animais haveria de cobrar-lhe uma posição. Ademais, ela já adjetiva a ação do menino em termos negativos, quando do uso do termo “carniceiro”.

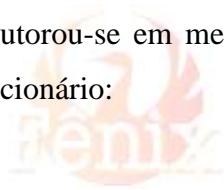
A palavra “carniceiro” tem como uma das suas referências etimológicas *carnarius*, que significa sanguinário, cruel. Esse preceito é reforçado como uma das características de Nico, pois ele acautelou-se diante da ameaça física contida na fala da mãe. Mas não parou de praticar atos de crueldade como arrancar as pernas e asas das moscas para “(...) gozar o sofrimento dos corpinhos inertes” (LOBATO, 2014, p. 99),

ou mutilar cães e gatos. As suas ações seguiram este curso até o momento em que se mudou para o Rio de Janeiro, matriculado no curso de medicina.

Nico permaneceu no Rio de Janeiro por um período de seis anos e as exatas ações que lá desenvolveu enquanto estudava medicina só as sabiam “(...) ele, os amigos e as amigas” (LOBATO, 2014, p. 100). Os pais, que haviam vendido a fazenda para morar na cidade de Itaoca, acreditavam que o filho estava formando-se um médico de gabarito, infinitamente melhor que os “(...) quatro esculápios locais, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinária rebaixava os itaocenses à categoria de cavalos” (LOBATO, 2014, p. 100).

Os pais acreditavam piamente que o filho estava se tornando um novo João Vicente Torres Homem, na história da medicina nacional. Mais uma vez o texto de Lobato remete a uma figura de autoridade inquestionável já que Torres Homem é um nome importante na história das ciências da saúde no Brasil.

De acordo com o Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, João Vicente Torres Homens nasceu em 1837 e em 1858, portanto aos 21 anos, doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo o Dicionário:



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

No ano de 1860 concorreu ao lugar de opositor da seção de ciências médicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo aprovado com a apresentação da “Dissertação sobre a Coqueluche”, e nomeado em 4 de julho daquele ano.

Em 1865 se inscreveu para novo concurso para o lugar de lente da cadeira de higiene e história da medicina, apresentando tese intitulada “Do aclimatamento”, porém o primeiro lugar foi conferido a Antonio Correia de Souza Costa (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL, 2017, p. 01).

Torres Homem é autor de 57 trabalhos acadêmicos envolvendo medicina e a prática médica, entre eles artigos em jornais, revistas, livros e pareceres, além de aulas que se tornaram conferências. Portanto, é com este intelectual da medicina brasileira que Nico é comparado e quando aparecia em Itaoca, por ocasião das férias, o jovem parecia cada vez mais com os intelectuais do Rio de Janeiro, pelo menos na visão da família, pois ele usava roupas caríssimas e palavras técnicas ininteligíveis aos ouvidos leigos: “Pelos férias o doutorando aparecia por lá, cada vez ‘mais outro’, desempenado, com tiques de carioca, ‘ss’ sibilantes, roupas caras e uns palavreados técnicos de embasbacar” (LOBATO, 2014, p. 100, as aspas acompanham o original).

A figura da autoridade não se ia construindo unicamente no palavrado e nas vestimentas. Ela também surgia na própria figura do rapaz que se formou aos 24 anos e voltou para a terra natal muito desgostoso, já que naquele lugar não havia, na opinião dele, um campo de trabalho considerado digno da sua condição:

No queixo trazia barba de médico francês, coisa que muito avulta a ciência do proprietário. Doentes há que entre um doutor barbudo e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no peludo, convictos de que pegam no melhor (LOBATO, 2014, p. 100).

Observa-se que o médico com barba aparece como sendo alguém dotado de sabedoria, alguém que passa confiança ao doente que vai consultar seus conhecimentos. O valor simbólico agregado ao valor funcional da aparência no século XIX objetivava acompanhar as mudanças das estruturas sociais e interpessoais. Em meados da metade daquele século, barba e o bigode retornam para afirmar a aparência de maturidade e para reforçar aos homens a ideia da plenitude da vida. A barba era então identificada como símbolo de austeridade, dignidade e força, constituindo um dos elementos mais importantes na afirmação da masculinidade.

O uso da barba pelos homens constituía-se em um símbolo que visava causar reação em outras pessoas legitimando um discurso de autoridade. Também é possível inferir que a barba implicava na força do corpo enquanto um atributo da virilidade. Segundo George Mosse a “invenção da virilidade” (MOSSE, 1996, p. 23) que se instaurou no fim do século XIX constituía-se como um emblema significativo para a modernidade e para a burguesia. Para este autor, a virilidade contracenava com os valores aristocráticos centrados na honra e com a sensibilidade burguesa focada nos aspectos físicos. Assim, o físico definia os valores pelos quais os homens eram julgados, inclusive em seus comportamentos.

Outro elemento que chama a atenção no texto de Monteiro Lobato é o fato de que o jovem médico é sempre chamado por apelidos quando nomeado no texto: primeiramente na infância, aparece como Nico. Depois de formado e já exercendo a medicina na cidade natal, passa a ser doutor Inacinho. Esta é uma forma que Lobato encontra para aquilatar de forma mais irônica os desmandos do rapaz, como se percebe na citação abaixo:

O doutor Inacinho, entretanto, aborrecia aquele meio acanhado “onde não havia campo”.

“Isto aqui” – contava em carta aos colegas do Rio – “é puro degredo. Clínica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem médicos, perfeitas vacas de Hipócrates, estragadores de pepineira com suas consultinhas de cinco mil-réis. O cirurgião da terra é um Doyen de sessenta anos, emérito extrator de bichos-de-pé e cortador de verrugas com fio de linha. Dá iodureto a todo mundo e tem a imbecilidade de arrotar ceticismo, dizendo que o que cura é a natureza. Estes rábulas é que estragam o negócio” – etc (LOBATO, 2014, p. 100).

No discurso do jovem médico aparecem alguns pontos que merecem destaque, a começar pela referência ao degredo. A referência proposta por Lobato ao termo degredo está relacionada etimologicamente a sua raiz grega, ou seja, *exsilium*, conforme aponta o Dicionário de Grego e Romano Antigo (2017). Neste sentido, a melhor tradução para o termo seria banimento. Inacinho se sente banido da civilização, pois foi obrigado a retornar para Itaóca, deixando o Rio de Janeiro com todos os seus prazeres para viver entre a gente simples do interior.

Estas pessoas simplórias somente lhe proporcionam uma clínica escassa e mal pagante. O médico recém-formado na capital se percebe enquanto alguém importante que estudou na capital e que tem como prerrogativa o conhecimento da ciência que os outros médicos do lugar não têm. Aliás, aos demais, ele chama de “curandeiros” denotando com isso que não possuem conhecimento do mesmo quilate que o seu. São “vacas de Hipócrates” que cobram barato pelo seu atendimento, o que serve apenas para prejudicar a ele, Inacinho.

O preconceito contra os colegas de profissão e suas práticas fica claro em seu discurso quando ele diz que o cirurgião local não passa de um extrator de bichos-de-pé e cortador de verrugas. Além do mais, recomenda a todos o mesmo tipo de medicamento e diz que a responsável pela cura é a natureza. Neste momento, o discurso alopático se coloca com toda a sua força buscando desacreditar o discurso homeopático, bem como a sabedoria popular.

Entre os médicos da cidade, Inacinho não tinha boa reputação e nem era bem visto. Seus colegas o consideravam “um bestinha” (LOBATO, 2014, p. 102) ou então o tinham por “presumido e pomadista como não há segundo” (LOBATO, 2014, p. 102).

Para eles, o jovem apresentava-se como alguém prepotente, grosseiro<sup>1</sup> e que se utilizava do discurso científico para não se fazer entender, dando-se ares mais importantes do que a importância efetiva que tinha.<sup>2</sup>

O que se percebe em voga entre os médicos que Lobato apresenta em seu conto, é uma disputa de poder. São eles os detentores da sabedoria capaz de disciplinar os corpos (FOUCAULT, 2015, p. 08), tornando-os saudáveis. Esse processo de disciplinarização do corpo deve ser entendido como uma forma de inscrição cultural deste corpo em um determinado contexto histórico e social fazendo com que sejam assim revelados:

(...) trechos da história da sociedade a que [este corpo] pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social (SOARES, 2006, p. 109).

Essa questão fica mais clara na medida em que o conto se desenrola e uma figura proeminente da cidade adoece. A discussão da personagem doente com sua mulher incide sobre qual médico irão chamar para tratar do seu caso. Pelo diálogo estabelecido percebe-se o quão difícil foi tomar esta decisão:

- Pois o Moura – disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.  
- Deus me livre! – retrucou o doente. – Aquilo é homem mal azarado. Pois não foi quem tratou Zeca, Peixoto, Jerônimo? E não esticaram a canela todos os três?  
- O doutor Fortunato, então...  
- Fortunato! Já esqueceu você do que me fez ele por ocasião do júri, o tranca? Cobrar cinquenta mil-réis por um atestado falso? Não me pilha mais um vintém, o pirata...  
No doutor Elesbão não se falou: era adversário político.  
- Chama-se Galeno...  
- É tão mosca-morta Galeno... – gemeu o doente com cara de desconsolo. – Andou anos a tratar Faria do Hotel como diabético, e já o dava por morto quando um curandeiro da roça o pôs saníssimo com um coco-da-baía comido em jejum. Eram solitárias os diabetes do homem... Só se vier o filho de Inácio?! (LOBATO, 2014, p. 103).

<sup>1</sup> “Eu fico pasmado mas é de saírem da Faculdade cavalgadas daquele porte! É médico no diploma, na barbicha e no anel no dedo. Fora daí, que cavalo!” (LOBATO, 2014, p. 102).

<sup>2</sup> “Não diz “humores” ou “sífilis”, é *mal luético*” (LOBATO, 2014, p. 102, o grifo acompanha o original).

E foi assim que Inacinho passou a tratar do caso do doente. Como se percebe, fatores extrínsecos à capacidade do médico é que foram preponderantes para a sua escolha: ou se tinha pouca confiança no diagnóstico de uns, ou se era adversário político de outros. Na falta de uma melhor opção, literalmente, sobrou Inacinho.

Quando veio para consultar o doente, o jovem comportou-se de forma e evocar a autoridade que era inerente a sua condição: “(...) Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou-o com o semblante carregado (...)” (LOBATO, 2014, p. 104). A escolha de palavras feitas pelo autor para descrever a postura do médico denota para os leitores e leitoras o “profissionalismo” do médico, ou melhor, para que entendam como ele performaticamente (ZUMTHOR, 2007, p. 25), desempenha o seu papel no sentido de conquistar a confiança daqueles e daquelas que o procuram.

Depois de um tempo em silêncio, como se estivesse meditando sobre o que lhe dissera o pulso do doente e sobre o que lhe revelara a auscultação, disse Inacinho: “Não diagnostico por enquanto, porque não sou leviano como ‘certos’ por aí. Sem auscultação estetoscópica nada posso dizer. Voltarei mais tarde” (LOBATO, 2014, p. 104).

Nesta fala de Inacinho, percebe-se em primeiro lugar, uma lógica que trabalha com a questão de que a saúde é o silêncio dos órgãos. De acordo com Scliar, esta prática remete a medicina do século XVIII, e foi preconizada pelo médico francês François Xavier Bichat. Se o médico “ouve” os órgãos do doente, seja tomando-lhe o pulso, seja auscultando-lhe é porque algo está errado e precisa ser corrigido (SCLIAR, 2007, p. 38).

Como em um primeiro momento o diagnóstico anuiu que algo estava errado, ele deveria ser aprofundado, pois ao contrário do que faziam outros médicos (uma aberta crítica à forma de trabalho dos colegas itaquenses), Inacinho era comprometido com a sua profissão (ou pelo menos pretendia, através da sua postura performática, mostrar que era): assim, ele precisa aprofundar as suas investigações para poder fechar a sua análise.

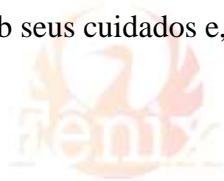
Para demonstrar a importância de seu ato e a gravidade com a qual pretende envolvê-lo, investindo a sua ação de uma aura de seriedade e autoridade, Inacinho revela que fará uma “auscultação estetoscópica”, que nada mais é do que auscultar o doente utilizando-se de um estetoscópio, seja no tórax, na região dos pulmões ou no



coração. O ato em si parece simples, mas quando se utiliza do termo científico ele passa a ser sacralizado e carregado por outro sentido terminológico.

Aqui, é possível perceber que o médico não conversa mais com o doente. Ele não fala mais diretamente ao portador da doença, buscando elucidar seus sintomas ou tentando entender o que eles representam para o enfermo. O médico passa a conversar diretamente com a doença, da qual o doente é apenas um receptáculo (FOUCAULT, 2015, p. 12). A associação de uma linguagem revestida de ciência mais o ato de ignorar as subjetividades dos pacientes coloca o médico em outra posição em relação aqueles e aquelas que buscam o tratamento.

No caso narrado no conto de Lobato, Inacinho é elevado a uma posição de respeito por parte do doente que está tratando: ele é chamado por ele de “conscienzoso” (LOBATO, 2014, p. 104). De acordo com o Dicionário Digital Aulete, o termo refere-se a quem tem consciência, a quem é cuidadoso, seja em termos morais ou de competência profissional (DICIONÁRIO DIGITAL AULETE, 2017, p. 01). Logo, podemos dizer que a performance do médico deu resultado positivo; ele granjeou a confiança do doente sob seus cuidados e, portanto, a confiança no diagnóstico que daria:



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Voltou o moço logo depois e com **grande cerimonial** aplicou o instrumento no peito magro do doente. **Vincou de novo a fisionomia das rugas da concentração e concluiu com imponente solenidade:**

- É uma **pericardite aguda agravada por uma flegmasia hepático-renal.**

O doente arregalou o olho. **Nunca imaginara que dentro de si morassem doenças tão bonitas, embora incompreensíveis.**

- E é grave, doutor? – perguntou a mulher, assustada.

- **É e não é!** – respondeu o **sacerdote** – **Seria grave se, modéstia de lado, em vez de me chamarem a mim chamassem a um desses mata-sanos que por aí rabulejam.** Comigo é diferente. Tive no Rio, na clínica hospitalar, **numerosos casos mais graves e nenhum perdi.** Fique descansada que porei o seu marido completamente são dentro de um mês (LOBATO, 2014, p. 104, grifos das autoras).

Mais uma vez o narrador traz descrições importantes que merecem detalhamento. Em primeiro lugar salienta-se o coroamento da performance do médico enquanto figura de autoridade através do uso de expressões como “grande cerimonial”, “vincou de novo a fisionomia”, “rugos de concentração” e “imponente solenidade”. Não se espera de quem vai tratar de uma doença uma postura de somenos importância. Espera-se sim, que o sujeito trate com seriedade do problema que aflige quem vem se colocar sob a sua égide para alcançar a cura.

Daí a associação da figura do médico com a figura do sacerdote. Scliar remete ao fato de que a cura das doenças na Antiguidade Clássica era feita tendo como base a ideia de que a enfermidade poderia ser fruto de algo maligno, ou de um pecado cometido pelo doente. Eis a associação do ato de curar (e, portanto, da medicina e suas práticas) com o sacerdócio/ação sacerdotal (SCLIAR, 2017, p. 40).

Em tese, esta prática deveria ter sido abandonada já com os escritos hipocráticos, os quais trazem em si uma visão mais racional sobre a doença inclusive pressupondo as bases de um olhar epidemiológico sobre ela (SCLIAR, 2007, p 40). Entretanto, basta uma leitura da citação abaixo transcrita para perceber que a associação da figura do médico com a figura do sacerdote ainda é pertinente na visão dos próprios profissionais médicos:

Semanticamente, o significado do vocábulo sacerdócio se refere à magnanimidade e à dedicação no exercício de uma missão. Este encargo, quando exercido de forma sacerdotal, demonstra uma intrépida e denodada oferta de si, haja vista que assume sacrifícios, transgredir com ombridade os horários, desafios, situações difíceis e adversas.

O médico em sua atuação sacerdotal torna-se uma referência honrosa e idônea de seu mister, concorrendo humanisticamente para a edificação de uma sociedade mais justa e solidária (SIQUEIRA, 2019, p. 01).

O discurso aqui faz parte de um encadeamento histórico através do qual se dá prosseguimento a uma ideia que carrega a figura do médico com uma aura quase que sobrenatural, reforçando uma lógica de poder e de controle que seleciona e organiza procedimentos cuja função é materializar o sentido desse poder: no caso do conto de Lobato, o poder do discurso biomédico enquanto elemento de controle sobre o doente/doença (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Outro ponto importante para análise está colocado no próprio diagnóstico: pericardite aguda agravada por uma flegmasia hepático-renal. A pericardite corresponde a uma inflamação da parede do pericárdio, membrana que envolve o coração. Em relação ao doente diagnosticado por Inacinho, ela estava agravada por uma flegmasia hepático-renal. Flegmasia é o termo científico utilizado para descrever edemas e dores nos membros inferiores. Mas o que é importante frisar aqui é que nenhum dos termos usados para descrever a sua doença, é de conhecimento do doente. E nem são explicados a ele pelo seu médico.

Neste sentido, a doença deixa de pertencer ao doente (FOUCAULT, 2015, p. 14) e passa a pertencer ao médico. É com ela que o médico dialoga de forma direta, deixando de lado o enfermo, pois ele não passa de um receptáculo que funciona como uma espécie de cadinho, no qual as doenças permanecem guardadas. Aliás, o doente nem sabe que tem dentro de si doenças tão bonitas, como revela o texto lobatiano. Nesta concepção o que importa não é quem sofre do problema; o que importa é o problema em si. Ele é o objeto do saber médico, o mistério a ser revelado. O doente passa a ser apenas um detalhe.

Inacinho também reafirma a sua autoridade enquanto médico ao se referir aos seus colegas como “mata-sanos que por aí rabulejam” (LOBATO, 2014, p. 104). O termo mata-sanos é uma palavra de origem espanhola (PRIBERAM DICIONÁRIO, 2017, p. 01) que carrega de incompetência as ações dos demais médicos da cidade, os quais são ainda mais desprezados devido ao uso da palavra “rabulejam”, ou seja, executam ações de rábula, daqueles que não tem a devida formação para o exercício da sua profissão, ou que usam de ardis para tal. Em sua raiz etimológica a palavra significa médico ou curandeiro que não possui a devida habilidade, um charlatão que mata pessoas ou agrava a sua situação devido à fragilidade da sua atuação.

O jovem médico deu início ao tratamento, porém conforme anuncia o conto, não era exatamente em restabelecer a saúde física do enfermo que se colocara em suas mãos, que ele estava interessado. O que ele desejava mais que tudo era o dinheiro que esta azafama poderia lhe acarretar:

Inácio não enxergava em Mendanha o doente, mas uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo. A saúde do velho importava-lhe tanto quanto as estrelas do céu (...). Como desodorasse a medicina, não vendo nela mais que um meio rápido de enriquecer, nem sequer lhe interessava o “caso clínico” em si, como a muitos. Queria dinheiro, porque o dinheiro lhe daria Paris, com Yvonne de lambuja. Ora, o major tinha trezentas apólices... Dependia pois da sua artimanha malabarizar aquele fígado, aquele coração, aquelas palavras gregas e, num prestidigitar manhoso, reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem sonantes (LOBATO, 2014, p. 105).

Eis aí o que preocupava o médico: conseguir o montante necessário para ir embora de Itaóca, a fim de viver na Europa na companhia de sua amada Yvonne. Conforme o conto, nem do seu diagnóstico ele tinha certeza: Inacinho, ao auscultar o doente supôs que o homem idoso tivesse um coração enfraquecido e que, pelo fato de

ele reclamar de uma dor no ventre, possuísse também algum mal no fígado. O conto anuncia que, sob o tratamento recomendado pelo jovem médico o doente piorou tanto, que o próprio Inacinho (ironicamente) solicitou uma conferência com os colegas do lugar (LOBATO, 2014, p. 105).

Porém, o doente e sua esposa não quiseram conferência nenhuma. Confiavam apenas no doutor Inacinho e no tratamento que ele propunha. E aos poucos o doente foi melhorando, por incrível que pareça, pois se o médico não tinha certeza do diagnóstico, que dirá do tratamento a ser oferecido. No entanto, essa súbita melhora não ajudava o caso do médico e principalmente seu desejo de ganhar uma boa quantia de dinheiro para poder partir do seu degredo, como ele mesmo se referia à Itaoca:

Era costume dos tempos fazerem-se os médicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos em caso de cura aí com centenas de mil-réis, em caso de morte reputavam-se em contos. Se os interessados relutavam no pagamento, a questão subia aos tribunais, com base no arbitramento. Os árbitros, mestres do mesmo ofício, sustentavam o pedido por coleguismo, dizendo em latim: “*Hodie mihi, cras tibi*”, cuja tradução médica é: “Prepare-se você para fazer o mesmo, que também pretendo dar a minha cartada” (LOBATO, 2014, p. 106)<sup>3</sup>.

Pouco tempo depois da significativa melhora, o doente acabou piorando subitamente e morreu. Se não se sabia ao certo qual era a doença, não se soube ao certo, também a causa da morte:

O atestado de óbito deu como causa mortis flegmatite complicada com necrose elipsodal. Podia batizá-la de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesentérica, estupor granuloso peristáltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer à grega (LOBATO, 2014, p. 107).

A conta que Inacinho apresentou pelos serviços prestados foi de 35 contos de réis, a qual foi impugnada pelos herdeiros devido ao seu alto valor. Entretanto, quando o assunto foi parar na Justiça, conforme o “costume dos tempos” (LOBATO, 2014, p. 107), os médicos do lugar mesmo sendo inimigos figadais de Inacinho, concordaram que ela deveria ser paga seguindo a máxima latina. Ademais: “no laudo, entretanto, acharam relativamente módico o pedido – sem dizer relativo ao quê” (LOBATO, 2014,

---

<sup>3</sup> A expressão latina *hodie mihi, cras tibi* costumava ser utilizada em inscrições tumulares e/ou nos portais de cemitérios e ela significa “hoje para mim, amanhã para ti”.

p. 107). A máquina judiciária deu ganho de causa a Inacinho. Quanto os herdeiros, além de pagarem os 35 cinco contos de réis, ainda desembolsaram o dinheiro para arcar com as custas do processo.

No texto de Lobato, algumas questões sobre o discurso biomédico e sobre a figura do médico trazem em si um processo de reflexão que deve ser feito. Em primeiro lugar, há que se salientar que figuras e palavras que reforçam o discurso de autoridade são utilizadas para construir e reforçar a ideia de poder da qual o médico está revestido. Isso mostra que esse discurso biomédico faz parte de um tecido histórico (FOUCAULT, 2014, p. 36) o qual, sob uma égide normativa, norteia o sentido do saber/ser médico e como ele deve arbitrar em relação àqueles e àquelas que procuram seus cuidados.

Essas questões auferem inclusive uma ideia de corporativismo classista, como se percebe na seguinte passagem aqui transcrita: “– Pois está visto! – disse Fortunato. – Tolo andou você em abrir luta com os que ajudam o negócio. O coleguismo: eis nossa grande força!” (LOBATO, 2014, p. 108). Atuando nesse sentido, o discurso biomédico ganha uma força inquestionável, desqualificando qualquer outro tipo de discurso que se posicione contra a sua investida.

O espaço acadêmico representado pelo curso de medicina e a ciência que se espera auferir deste espaço também auxiliam neste processo, pois se tornam um lócus de afirmação deste discurso, guardado devidamente pela prática da experimentação, questionando assim, as experiências empíricas que se alvitrem também conhecedoras dos processos que norteiam o trato com as doenças.

Daí a forma pejorativa pela qual se tratam no texto lobatiano os médicos da terra (pelo menos até que eles concordem com o desejo de ganho financeiro de Inacinho): eles são rábulas, curandeiros ou mata-sanos, sujeitos incompetentes no desempenho das suas funções e aos quais se deve olhar com desconfiança. O único discurso sobre a doença que efetivamente merece respeito é o discurso que advém do campo da ciência e dos bancos da faculdade de medicina.

Este discurso opera por exclusão (FOUCAULT, 1999, p. 40) pois ele separa e rejeita tudo que diz respeito ao trato da doença e do doente se não for posto de acordo com as suas prerrogativas, atribuindo-se a fonte da verdade, fazendo com que tudo que se diga e que não se coadune com seus ditames caia no vazio, carregando aquele que profere este discurso de uma máxima de descrédito.

O discurso desacreditado passa a ser o discurso do senso comum (no caso do texto de Lobato, o discurso dos curandeiros e dos charlatões) que é pronunciado por figuras sem autoridade ou desautorizadas pelo discurso da ciência (representado por Inacinho e pelas suas palavras científicizadas e ininteligíveis aos ouvidos do doente sob seu tratamento).

O discurso científico passa a ser o único com potencial para tratar corretamente a doença, elemento que rompeu com o silêncio dos órgãos. Este corpo doente deve, pois, passar por um regime de tratamento (disciplinar) para que volte a ser saudável. Assim, somente este discurso devido a sua autoridade, pode tratar deste corpo reconduzindo-o corretamente às práticas pedagógicas que instituiu como certas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DICTIONARY OF GREEK AND ROMAN ANTIQUES (1890). **Exsiliium**. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0063:id=exsilium-cn> . Acesso em 16 de jun. 2017.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. **Consciencioso**. <http://www.aulete.com.br/consciencioso>. Acesso em 17 de jun. 2017.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL. **Homem, João Vicente Torres**. <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hojovito.htm#topo>. Acesso em 12 jun. 2017.

DICIONÁRIO MÉDICO. **Dissecção**. <http://www.xn--dicionriomdico-0gb6k.com/dissec%C3%A7%C3%A3o.htm>. Acesso em 08 de jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5 ed, São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. 7 ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

IBGE. **Itaoca**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/itaoca/panorama>. Acesso em 02 out. 2019.

LOBATO, Monteiro. Pollice Verso. **Contos completos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MOSSE, George. **The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity**. New York: Oxford University Press, 1996.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Matasanos**. <https://www.priberam.pt/dlpo/mata-sanos>. Acesso em 19 de jun. 2017.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17 (1): 29-41, 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-73312007000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-73312007000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 27 out. 2020.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, Conhecimento e Educação. Notas Esparsas. p. 109-131. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História**. 3 ed, Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SIQUEIRA, Paulo Pacéli Neves de. O médico e o sacerdócio. In: **CREMEGO**. Conselho Regional de Medicina de Goiás. [http://www.cremego.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21017:o-medico-e-o-sacerdocio&catid=46:publicacoes&Itemid=490](http://www.cremego.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21017:o-medico-e-o-sacerdocio&catid=46:publicacoes&Itemid=490). Acesso em 02 de out. 2019.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção e Leitura**. 2 ed, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

**RECEBIDO EM: 02/10/2019**

**PARECER DADO EM: 16/07/2020**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)